2.ª série / N.º 38 / Preço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telef. 4 8276 Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL - Rua da Rosa, 273

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

28 de Julho de 1941

PREÇOS DA ASSINATURA

Ano . . . . 78$00
Semestre . . . . 39$00
Trimestre . . . . 19$50

Distribuidores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Telef P. A. B. X. 27507) — LISBOA

QUESTÕES PORTUGUESAS

Um caso merecedor da maior atenção

A vila de Olhão está sem cinema

por se considerarem impróprias as duas únicas casas de espectáculos ali existentes

A notícia foi tornada pública por intermédio dos grandes diários.

Era pequena e simples, mas alvoroçou, sem nota de exagêro, o meio cinematográfico português.

Num país como o nosso, onde há aproximadamente duzentos e poucos cinemas, a informação de que haviam sido encerradas as duas únicas casas de espectáculos cinematográficos existentes numa vila importante, tinha, por fôrça, de interessar todos os que se encontram ligados, moral ou materialmente ao negócio de cinema em Portugal.

A notícia, conforme já atrás demos a entender era bastante incompleta e pouco dizia, mas para os que dela não tiveram conhecimento, publicamo-la tal qual o *Diário de Lisboa* a inseriu:

OLHÃO, 20. (Pelo telefone) — Continua a lavrar o maior descontentamento pelo facto de se encontrarem ainda encerrados os cinemas desta vila com prejuízo da população, apesar dos interessados terem feito já as necessárias diligências para solucionar o assunto. Além do prejuízo que tal facto provoca a várias entidades e organismos, há também a contar que a obra de beneficência local é deveras afectada, visto que os cinemas davam à Sopa dos Pobres uma verba que, em 1940, se cifrou em 9.285$00, e nos primeiros seis meses dêste ano atingiu 4.399$50.

Ora, «Animatógrafo» que foi criado — conforme já temos tido ocasião de provar — para cuidar de tudo o que se relacione com a indústria cinematográfica em Portugal, seja produção ou exibição, não podia, de modo algum, deixar passar, apenas em pequenas notícias, perdidas nas páginas, sempre cheias de interêsse, dos grandes diários, um assunto que deve merecer de todos os portugueses a maior atenção e cuidado. E, para poder tratar e procurar ajudar a resolver essa questão entendeu que nada havia melhor do que informar-se convenientemente sôbre as razões existentes para provocarem uma tão grave situação.

Cinemas em más condições higiénicas

Abordou-se, por mais de uma vez, nas páginas de extintos jornais de Cinema a, até hoje insolúvel questão dos cinemas da província. Más projecções de imagens e som, aparelhagens deficientíssimas e condições higiénicas bastante rudimentares para as necessidades da vida actual. Todavia não se procurou então resolver êsse problema que agora surge de novo mas com um aspecto muito mais grave e que levará por certo a medidas rigorosas e em alguns casos absolutamente justificáveis. Vejamos, por enquanto, a questão agora posta em foco:

Em Olhão, importante vila algarvia, existe há aproximadamente trinta anos uma casa de espectáculos que tem funcionado como cinema: — *Cine Teatro* com com uma lotação para 1.476 pessoas, propriedade do sr. Manuel Alexandre dos Santos Júnior. Além desta, outra casa de espectáculos existe: — *Salão Apolo* com uma lotação para 911 pessoas, propriedade de Moura Veiga & Evangelista.

Estes dois cinemas funcionavam normalmente até há cêrca de um mês, quando por determinação da Inspecção Geral dos Espectáculos foram obrigados a encerrar as suas portas e a proceder a obras e melhoramentos necessários.

Evidentemente que tal medida provocou natural alarme não só entre os proprietários dos referidos cinemas como entre o público cinéfilo e certos organismos que dos espectáculos cinematográficos auferiam algumas importâncias para fins de beneficência.

Compreende-se que se a Inspecção Geral dos Espectáculos ordenou o encerramento daquelas salas é porque elas não ofereciam a segurança e comodidades, consideradas indispensáveis numa casa de espectáculos.

Pelas informações que obtivemos podemos aclarar o principal aspecto dêste problema. De facto as salas em questão pouco mais são do que dois barracões que nenhumas garantias oferecem no caso de possível sinistro. Mas, como se tal não bastasse, há ainda a incompreensível falta de higiene. Ora, nos tempos que correm já se não podem admitir certas salas de espectáculo que existem pela província e para as quais chamamos a atenção da Inspecção Geral dos Espectáculos que parece iniciar definitivamente a campanha que há tanto se ambicionava resolver, e que tem como fim, tornar um prazer a visão de um filme em qualquer ponto do país.

Uma exposição enviada ao sr. Inspector Geral dos Espectáculos

Por intermédio do Grémio Nacional dos Cinemas enviaram os olhanenses uma exposição com mil e tantas assinaturas ao sr. Inspector Geral dos Espectáculos, no sentido de durante o tempo das obras de um dos cinemas, ser permitido o regular funcionamento do outro, que procederia às respectivas obras logo que as do primeiro fôssem dadas por concluídas.

«Animatógrafo» concorda em absoluto com semelhante pedido porque não há apenas que considerar o prejuízo comercial que se registaria no caso de a I. G. E. determinar o encerramento imediato de tôdas as salas do país consideradas incapazes de funcionarem, por não oferecerem condições de segurança aos seus espectadores.

Esperamos que o sr. Inspector Geral dos Espectáculos satisfaça os desejos, que aliás são justos, dos que se encontram prejudicados com a medida tomada — pela forma sugerida ou por outra que julgue preferível.

Um exemplo que deve frutificar

O Cinema Português para poder vingar e existir necessita antes de mais nada que possa cobrar dentro do nosso país, e no mais curto espaço de tempo, a verba gasta com cada filme nacional.

Já atrás dissemos que Portugal possue no continente duzentos e poucos cinemas o que não é muito para uma população de sete milhões de habitantes. Verifica-se, antes de mais nada que se torna necessário provocar o interêsse pelo espectáculo cinematográfico a pessoas que quási nem dão pela sua existência. Ora, o maior número de pessoas que desconhecem o Cinema ou que não freqüentam as salas de espectáculo residem principalmente na província.

Além dos motivos de ordem económica que influem na freqüência das salas de espectáculos — e que não temos aqui que considerar — a principal razão do desinterêsse de muita gente pelo cinema, por essa província fora, reside na falta de conforto, de simples higiene, de condições mínimas, em suma, das salas de exibição.

O que acabamos de dizer é justamente no interêsse dos próprios exibidores que não se preocupam como deveriam com o aspecto e segurança das suas salas.

A resolução tomada agora pela I. G. E. não pode ser uma caso àparte, mas sim o início de uma acção generalizada e metódica. Torna-se absolutamente necessário acabar de uma vez para sempre, e a bem do Cinema Português, com o estado lamentável de muitos dos cinemas da província.

«Animatógrafo» não descurará o problema e procurará facilitar o trabalho de quem tem de resolver uma tão importante questão.

LEIA NA PÁGINA 7 A NOTÍCIA PORMENORIZADA DA PRÓXIMA FESTA DO

CLUBE DO ANIMATÓGRAFO

QUE SE EFECTUA NA NOITE DE 2 DE AGOSTO

PRODUÇÃO ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

O SERVIÇO DE SELECÇÃO de intérpretes e os candidatos da Província

Prometemos, não há muito tempo, elucidar os leitores da província que desejem inscrever-se no Serviço de Selecção de Intérpretes da Produção António Lopes Ribeiro.

Continuámos, como desde o primeiro dia, a receber cartas e postais aos quais respondemos hoje, publicando o questionário a que tôdas as pessoas residentes na província e que queiram representar no cinema, podem responder por carta.

1.º

Publicamos duas fotografias do ficheiro pelas quais se pode ver a posição em que o inscrito deve ficar. Como não é possível fixar agora a cada inscrito o número exacto sob o qual ficará registado pede-se a tôdas as pessoas para escreverem por detrás de cada uma das fotos o nome e morada a-fim-de se evitar possíveis extravios.

Lembramos, mais uma vez, que só são necessárias duas fotos devendo o seu formato máximo ser 6 × 9 e o mínimo idêntico ao que publicamos.

2.º

É da maior conveniência responder com clareza a tôdas as preguntas do Questionário.

3.º

Não é necessário cortar o «Animatógrafo» para responder. Basta apenas copiar numa fôlha de papel comercial as preguntas feitas e responder fazendo acompanhar a carta das duas fotografias segundo o enquadramento e posição da que publicamos e enviar directamente ao Serviço de Selecção de Intérpretes da Produção António Lopes Ribeiro, Alameda das Linhas de Tôrres, 157 — Lisboa.

Os concorrentes devem enviar juntamente 2$50 em selos, que se destinam ao fundo social do Sindicato dos Profissionais de Cinema.

4.º

No caso de ser necessário, num próximo filme, deslocações à província e que haja necessidade de intérpretes nas terras onde seja preciso filmar, só os inscritos no S. S. I. que residem nessa região serão chamados a trabalhar.

Não há, pois, motivo para desgostos pelo facto de não residirem na capital.

— NOME ARTÍSTICO
— NOME VERDADEIRO
— NACIONALIDADE
— DATA DO NASCIMENTO (dia, mês e ano)
— NATURAL DE:
— PROFISSÃO
— MORADA
— TELEFONE
— RAÇA
— CÔR DA PELE
— » DOS CABELOS
— » DOS OLHOS
— ALTURA
— PÊSO ACTUAL
— » NORMAL
— PARTICULARIDADES
— TRAJOS QUE POSSUI (indicar se tem fatos de banho, sport, trajo regional, especial, smoking ou casaca)
— HABILITAÇÕES LITERÁRIAS
— LÍNGUAS QUE FALA
— CANTA?
— CLASSIFICAÇÃO DE VOZ
— DICÇÃO
— SOTAQUE
— DESPORTOS QUE PRATICA (indicar se nada, guia automóvel e monta a cavalo)
— EXPERIÊNCIA TEATRAL (amador?, profissional?)
— HABILITAÇÕES ESPECIAIS
— SABE MÚSICA?
— » DANSAR?
— JÁ TRABALHOU EM CINEMA?
— EM QUE FILMES?
— POSSUI FARDAS?
— QUAIS?
— TEM TEMPO DISPONÍVEL?
— SENDO CASADA, TEM AUTORIZAÇÃO DO MARIDO?



A primeira foto...



...e a segunda



GEORGE MURPHAY

Actor-bailarino, interpretou ao lado de Eleanor Powell e Fred Astaire um dos papeis de «Idilio Musical». Ultimamente foi o parceiro de Ginger Rogers em «Tom, Dick and Harry» produção da RKO



A vida é um film....
filmar é revivê-la,
em absoluta realidade,
eternamente.....

Imprima movimento, acção, ritmo, aos documentários fotográficos de vossos filhos — assim terá a «vida» tal qual ela decorre em cada instante. Um «Ciné Kodak Oito» tudo regista com facilidade, sem perda dum só pormenor. Milhares de pessoas em todo o Mundo têm já o seu «Ciné Kodak Oito» e obtêm os melhores resultados. Filmar constitue para elas uma das melhores diversões. Não perca mais tempo. Adquira já o seu «Ciné Kodak Oito», filme os grandes momentos da vida, e, assim, revivê-la-á eternamente.



Ciné-Kodak 8

O aparelho de filmar para toda a gente

KODAK, LIMITED — 33, Rua Garrett — LISBOA

PANORÂMICA

A viagem Presidencial aos Açores

Felizmente foi possível remover as dificuldades que haviam surgido — dificuldades naturais e compreensíveis, dado o carácter e circunstâncias do acontecimento — e o operador Manuel Luiz Vieira pôde partir a bordo do «Carvalho Araújo», com o seu assistênte e a sua «Debrie», a fim de registar no celuloide todos os aspectos da viagem do Chefe do Estado ao arquipélago dos Açores. A transcendência histórica de que se reveste essa viagem de soberania às ilhas portuguesas do Atlântico impunha a sua filmagem, não só para que pudesse ficar um documento vivo do acontecimento, de valor inestimável no futuro, mas também para que todos os portugueses possam ser testemunhas da visita de Sua Excelência o Senhor Presidente da República, possam acompanhar o Senhor General Carmona na sua viagem, quando seguirem nas telas dos cinemas as imagens impressionadas por Manuel Luiz Vieira.

Bem andaram pois a SPAC e o Secretariado da Propaganda Nacional, não desistindo da reportagem dêste acontecimento histórico. Estamos certos que o filme ficará à altura do assunto, pois Manuel Luiz Vieira é um dos nossos operadores mais competentes e mais conscienciosos, que prestou já tôdas as provas, desde as filmagens no estúdio até às tomadas de vistas de reportagem. Recordamos justamente algumas esplêndidas imagens da visita do Chefe do Estado às Colónias, maniveladas por Manuel Luiz Vieira, em especial certos aspectos inesquecíveis da recepção em S. Tomé que foram magnificamente registados pela mesma câmara de filmar que vai fotografar a viagem presidencial aos Açores, de certo com a mesma proficiência e idêntico brilho.

Jean-Pierre Aumont em Lisboa

Lisboa continua a ser visitada por celebridades cinematográficas. Rara é a semana que não fica assinalada pela passagem de um «astro», de uma «estrêla», de qualquer personagem importante na vida fílmica mundial. Podemos hoje anunciar aos nossos leitores que se encontra na capital Jean-Pierre Aumont, o conhecido galã do cinema francês, velho freqüentador das nossas telas apesar da sua mocidade autêntica.

Não foi possível ouvir o simpático actor francês neste número, porque a sua chegada a Lisboa não se verificou a tempo de fazer, escrever, compor e paginar a entrevista. Mas na próxima semana transmitiremos aos nossos leitores o que nos disser o intérprete de «O Hotel do Norte» e de tantos outros filmes em que pudemos admirar as suas reais qualidades.

Mota da Costa

Acaba de ser posto à venda o primeiro romance do nosso camarada de redacção Mota da Costa: «Ciclone». Não lemos ainda o livro, que tem uma bela capa de António Domingues; mas temos a certeza de que Mota da Costa se saiu tão bem na sua estreia puramente literária como nos trabalhos cinematográficos que tem publicado até aqui, quer em páginas de jornais e revistas quer no seu «Sétima Arte».

Daqui enviamos a Mota da Costa um abraço de parabens, desejando-lhe os maiores triunfos na sua actividade no campo das letras.

Um mal sem remédio?

As estreias sensacionais são como as galinholas: aparecem com o frio e com a chuva e somem-se logo que vem o calor. Nesta época do ano, em plena canícula, só o Eden continua a apresentar filmes — excepção à regra, que é assim confirmada e não desmentida. Mas uma estreia por semana não chega para saciar a sêde cinéfila dos cinemófilos impedernidos, insofridos e impenitentes. Resta portanto um único recurso: a «repescagem» nas reexibições de filmes que não poderam ser vistos durante a temporada ou de filmes que apetece rever. Dá-se porém um fenómeno extraordinário e encanitante: há semanas em que nem um só dos cinemas de reexibição apresenta um só filme de interêsse; depois, aparece uma semana em que todos levam a seguir fitas de categoria, daquelas que sabe bem ver mais uma vez, daquelas que sabem melhor do que um copo de água fresca, aos cinéfilos convictos...

É positivamente arreliante! E decerto irremediável. Não fazemos, por isso, esta observação com a ideia de pedir ou propor a mudança dêste estado de coisas. Quisemos apenas chamar a atenção para um fenómeno inexplicável, que intriga pela regularidade com que se produz e repete.

OS BOIS ADIANTE DO CARRO

Quando há quinze dias aqui agradecemos ao Doutor Agostinho de Campos o apoio que o seu recente artigo «O cinema invasor» veio dar à nossa campanha a favor da produção nacional digna, metódica e contínua, limitámo-nos a afirmar que não concordavamos em absoluto com a sua conclusão disjuntiva: «ou temos ganas para fazer sòzinhos cinema nacional que preste, e dure, e conte para variarmos do outro; ou será preciso «contingentar» a invasão, obrigando os nababos de além-mar a ajudar a gente a ver-se ao menos em parte livre dêles». Vamos hoje tentar expor os motivos que determinam a nossa divergência relativamente aos meios considerados (quanto ao fim a atingir — repetimos — afinamos inteiramente pelo mesmo diapasão).

Há muito que defendemos a opinião de que o cinema português não deve esperar o seu desenvolvimento de esforços ou sacrifícios alheios, mas sim dos seus próprios esforços, do seu suor, do seu trabalho, da sua luta. A natureza e a história ensinam-nos a cada momento que só abre caminho, prospera e vence quem conta consigo, com o seu ânimo e com a sua fôrça, quem sabe transformar em actos e realidades a sua fé e a sua esperança. E a experiência recente de certos países, por sinal dos mais «próximos» do nosso, em todos os sentidos, mostra que também em matéria de produção e concorrência cinematográficas não é sistema pôr o carro adiante dos bois. O facto de, a golpes de decretos, se fazer o vácuo no mercado, não traz como conseqüência necessária a floração do cinema nacional — e muito menos de um cinema nacional capaz, «que preste e dure». Pelo contrário, verifica-se que semelhante sistema é até prejudicial, pelos reflexos que tem no público. Privado, de sopetão, dos espectáculos a que está habituado, o público desinteressa-se e passa a primar pela ausência (há que não esquecer que o público acorre aos espectáculos que apetece, e não a quaisquer espectáculos). E às duas por três, verifica-se que o negócio cinematográfico vai por água abaixo — porque a produção, em vez de progredir, estagna, fica indefinidamente a marcar passo (como conseqüência natural da falta de comparação, de estímulo e até de «escola» que a cinematografia estrangeira constitue), e porque o público deminui cada vez mais, por efeito dessa estagnação da produção nacional.

Além disso há outro aspecto da questão que é preciso não esquecer. Ainda há dias ouvimos António Lopes Ribeiro expô-lo com a maior clareza: Portugal tem 200 cinemas que precisam de 200 a 300 filmes anuais para viver, quere dizer, é necessário um volume de filmes dessa ordem para alimentar a exploração normal das nossas 200 salas de exibição. Se se proïbir ou apenas restringir a importação de filmes estrangeiros, uma boa parte dêsses 200 cinemas terá de fechar — o que representaria automàticamente a redução do mercado nacional para a produção portuguesa, que ficaria assim sem a possibilidade de existir sequer. O mercado nacional é tão limitado que qualquer redução equivale ao seu desaparecimento — pois os mercados só existem quando absorvem em condições económicas a produção industrial. Quando o consumo não dá a necessária compensação — nada feito.

E não se julgue que a produção nacional, mesmo se fôsse muito mais numerosa, poderia abastecer sòzinha os nossos 200 cinemas. Para isso seria necessário tirar, de cada filme que produzissemos, uma quantidade bastante elevada de cópias — expediente absolutamente inviável porque elevaria o custo da produção a cifras incomportáveis para o nosso mercado de 200 cinemas.

A restrição prévia, total ou parcial, da importação estrangeira equivaleria portanto à redução do mercado nacional e, por conseqüência, à inviabilidade da produção portuguesa.

O que há a fazer, o que importa que se faça é produzir filmes portugueses, cada vez melhores e cada vez em maior número, prevenindo-se por agora apenas — o que será bastante, mas também indispensável — a produção nacional contra qualquer espécie de prejuízos, dificuldades ou perturbações que o filme estrangeiro lhe possa causar, em qualquer sector, especialmente nos da distribuïção e da exibição. E depois se verá. Não cremos, porém, que venha a ser necessário decretar restrições ao filme estrangeiro. Se conseguirmos desenvolver a nossa produção, fazê-la progredir em quantidade e qualidade — a importação de filmes estrangeiros reduzir-se-á por si, automàticamente, naturalmente.

DOMINGOS MASCARENHAS

GABRIEL PASCAL

passou de novo por Lisboa a caminho de Espanha onde vai produzir um grande filme histórico sôbre a vida de

CRISTÓVÃO COLOMBO

Gabriel Pascal passou novamente em Lisboa. Veio da América e seguiu para Londes a-fim-de ultimar os preparativos do filme *Cristóvão Colombo*, projecto que há muito acalentava e que só agora terá realização. Fomos encontrá-lo na majestosa Praia do Guincho, onde o produtor de *Pigmaleão* acabara de almoçar. Pascal estava entusiasmado com o cenário que se desdobrava ante seus olhos. De pé, sôbre a escarpa, na postura do herói de «Rebecca», no início do filme, olhava o mar dum azul puríssimo, franjado de branco, quando as ondas alterosas se desfaziam de encontro às rochas.

Pascal recebeu o jornalista, com a sua proverbial simpatia. Falou, com calor, dos planos futuros — uma trilogia cinematográfica, à glória dos grandes navegadores: Colombo, Vasco da Gama e Fernão de Magalhães, para focar as viagens épicas à América e à Índia e a prodigiosa aventura de Magalhães na viagem de circunnavegação.



O nosso colaborador Fernando Fragoso, toma apontamentos durante a entrevista que teve com o produtor de «Pigmaleão»

Por agora, Cristóvão Colombo é a razão das suas preocupações. Espera produzir o maior filme da sua carreira — duma carreira onde há obras, como *Pigmaleão* e *Major Barbara*. E diz-nos que lhe sobram motivos para se confessar encantado com o argumento que Rafael Sabastini escreveu, de colaboração com êle — após anos e anos de estudos e de investigações aturadas.

O filme deve ser inteiramente produzido em Espanha. Se surgirem dificuldades, com que não conta — limitar-se-á a colher ali exteriores, nos próprios locais onde Colombo viveu a sua maravilhosa aventura.

Laurence Olivier encarnará no cinema a figura do genovês, que ao serviço da Espanha descobriu o continente americano, quando buscava a Índia, que êle supunha poder demandar, partindo da costa da África, em direcção ao Ocidente. Vivien Leigh será possìvelmente Beatriz «a mulher que sacrificou a Colombo tudo o que uma mulher pode sacrificar ao homem que ama».

Outra razão ainda leva Gabriel Pascal a Londres. Êle pretende saber se George Bernard Shaw está disposto a escrever os diálogos do filme.

Os técnicos de «Cristóvão Colombo»

Dentro de duas semanas, Pascal estará de volta. Poderá então dizer-nos quem são os técnicos e artistas — em número de sessenta — que se deslocarão, de Nova-York, a Madrid, via Lisboa, para assumir os postos respectivos. Por agora, apenas nos disse que Fred A. Young, o operador de *Rainha Vitória*, *Sessenta Anos de Glória* e *Adeus Mr. Chips*, e Eugenio Schufftan, o «cameraman» de *Quai des Brumas*, serão os responsáveis pela fotografia de *Cristóvão Colombo*. Pelos nomes até agora revelados — Pascal, Laurence Olivier, Fred Young e Schufftan, Sabatini e possìvelmente Bernard Shaw — o novo filme, que a United Artists produzirá e distribuirá, apresenta-se com tôdas as garantias dum trabalho de grande categoria artística, como aliás exigia o tema que vai focar.

Interrogámos Pascal sôbre se o êxito de *That Halmilton Woman* teria influído na decisão de levar para a tela a história de Colombo. O famoso realizador não iludiu a pregunta:

— Nos tempos perturbados que atravessamos, as plateias do mundo inteiro têm uma ambição, que domina tôdas as outras: procuram na tela a Verdade. Revelando, no quadro próprio, dentro da sua época, sob o seu aspecto mais real e mais humano, as figuras dos Construtores do Mundo — o cineasta satisfaz os legítimos anseios do público e presta, ao mesmo tempo, uma homenagem à memória dos homens, cuja sombra e glória se projectam ainda sôbre os nossos dias. *That Hamilton Woman* e *Cristóvão Colombo* nasceram dêste ponto de partida comum...

E, depois, numa transição:

— O êxito dum filme, na hora que passa, depende da possibilidade que ela tenha de interessar o cérebro, o coração e os sentidos. Não pode ser vazio, tem que ser humano — e deverá apresentar-nos um problema amoroso, que nos diga qualquer coisa...

«Suponho que *Cristóvão Colombo* conseguirá reünir os requisitos necessários, para interessar aos três polos da sensibilidade humana».

Um filme à glória de Vasco da Gama

Fala-se de Vasco da Gama, do filme magistral e gigantesco que Hollywood, com os seus recursos inesgotáveis, poderá fazer, baseando-se na epopeia que Camões descreveu, com tamanha grandeza.

Pascal insiste:

— Vasco da Gama é de todos os Heróis da História de Portugal o mais conhecido fora do vosso País. Por êsse mundo fora, sobretudo nas cidades que bordam os Oceanos, encontram-se a cada passo, as «Ruas Vasco da Gama» e o nome do Descobridor da Índia, nos confins do Oriente, tem o sabor duma lenda, transmitida de geração em geração. Logo que conclua *Colombo*, pensarei na realização dum filme sôbre a figura do grande marinheiro Lusitano, que desafiou o Desconhecido, com um saber e um arrôjo que ainda hoje forçam a admiração do Mundo. Neste momento, em Hollywood, há investigações e estudos em curso, indispensáveis para filme de tamanha monta.

«Fernão de Magalhães apaixona-me também. Tenho já um argumento preparado!

Fala-se de *Major Barbara*, que Lisboa verá na próxima temporada. Gabriel Pascal diz-nos do entusiasmo do público e da crítica de Nova-York. E acrescenta:

— É um filme ousado, porque crítica, com a violência que Bernard Shaw põe nas suas peças, a organização da sociedade inglesa dos nossos dias. Feito durante a guerra, justamente no período em que Londres suportou os maiores bombardeamento aéreos, o filme obteve o «visto» da Censura. E a razão explica-se: quer a Inglaterra ganhe, quer a Inglaterra perca — a organização social britânica sofrerá uma profunda remodelação.

E já a despedir-se de nós, Gabriel Pascal declarou:

— Vivo, agora, para o projecto de ressuscitar, na tela, as figuras dos grandes navegadores de que lhe falei. A vez de Colombo chegou! Pode dizer aos portugueses, que prometo dedicar a Vasco da Gama, todo o meu saber e todo o meu entusiasmo, para fazer um filme que exalte a Aventura que Camões cantou com tamanho Génio e que seja uma homenagem do Cinema à Escola e ao escol dos Navegadores Portugueses!

F. F.





Num grito unísono, tôda a população do lugar de Chester, na Califórnia, proclamou:

— «*We want pictures!*» (Nós queremos fitas!)

Imediatamente as organizações de Hollywood estudaram o caso de Chester, onde não havia sala alguma de espectáculos cinematográficos. Foi incumbida a 20th-Fox de acudir àqueles infelizes, construindo um pequeno cinema para êles.

O lado curioso da história reside no facto de Chester contar apenas 25 habitantes...



Pasternak, o famoso produtor de fitas de Deana Durbin, saíu da Universal e foi disputadíssimo pelas outras companhias de Hollywood, que, por assim dizer, o puzeram em leilão.

— «Quem dá mais? Quem dá mais? — e Pasternak andou de mão em mão até ser «arrematado» a pêso de oiro.

Alegrem-se os apreciadores do género Deanna Durbin! Pasternak, o seu introdutor, foi disputado! E isso leva-nos a admitir que tôdas as companhias vão produzir ou desejam produzir fitas semelhantes.



Em Los Angeles vai ser construída uma sala para espectáculos cinematográficos, com 50.000 cadeiras. O custo apròximado será de 500.000 dolares ou sejam 12.500 contos.

Das notícias dos jornais americanos uma coisa salta à vista e à inteligência: o gigantesco empreendimento tem sobretudo por objecto bater o record das grandes salas.

— «Hoje... no maior cinema do Mundo... o maior filme do ano... etc.... o que se pretende com os 12.500 contos: um *slogan* de publicidade!

E nós preguntamos:

— Valerá a pena arriscar tanto dinheiro para bater um *record?* Qualquer dia, outro maluco resolve gastar 25.000 contos e ninguém mais falará do cinema de Los Angeles. Serão, possìvelmente, 50.000 cadeiras às moscas...

«MATOU!»

o extraordinário filme de FRITZ LANG tem as honras do 2.º espectáculo do «CLUBE DO ANIMATOGRAFO»

que se realiza no dia 2 de Agosto no cinema do Palácio das Exposições do Parque Eduardo VII

A noite de 2 de Agôsto está destinada a ser de festa. Os sócios do «Clube do Animatógrafo» estão de parabens. Em 2 de Agosto, terão o seu segundo espectáculo.

*

O segundo espectáculo reúne tantos ou mais atractivos do que o primeiro. Basta dizer que nele será exibido um dos mais formidáveis êxitos de Fritz Lang: «Matou», um filme que apaixonou a opinião pública e que revelou um grande actor que, infelizmente, nunca mais teve um papel à altura das suas qualidades: Peter Lorre.

*

Voltaremos a ouvir a frase musical de Grieg, assobiada pelo sádico; voltaremos a ver o comissário Lehmann; assistiremos à reünião dos mendigos nos subterrâneos da fábrica abandonada; teremos, em suma, o Fritz Lang de outras eras, antes da sua americanização...

*

Veremos também, ainda nesse espectáculo que terá o sabor do vinho antigo, dois filmes curtos muito agradáveis e que constituem documentos preciosos. Um, «Os Primeiros Passos do Cinema», transporta-nos a um passado distante. Outro, «A Marcha do Cinema», completa, a bem dizer o primeiro.

*

À SPAC e à RKO-Radio Filmes ficámos a dever a possibilidade de se ter organizado um programa tão curioso como atraente.

Estas duas firmas, bem conhecidas dos sócios do «Clube do Animatógrafo», prestaram-nos gentilmente a sua colaboração, pondo à nossa disposição documentos preciosos como «Os Primeiros

P R O G R A M A

PRIMEIRA PARTE

1 — OS PRIMEIROS PASSOS DO CINEMA
(Cedido pela SPAC)

2 — A MARCHA DO CINEMA
(Cedido pela RKO-Rádio Filmes)

SEGUNDA PARTE

3 — MATOU!
O inesquecivel filme de FRITZ LANG, com PETER LORRE no protagonista
(Cedido pela SPAC)

Passos do Cinema» que, pelo muito que vale, está retirado da programação corrente.

Em nome dos Sócios do «Clube do Animatógrafo», agradecemos sinceramente a colaboração dispensada pela SPAC e pela RKO--Radio Filmes.

Esclarecemos, desde já, que a projecção dos filmes não poderá ser contínua. O inevitável intervalo que tanto condenamos terá de aparecer mais uma vez. Apesar de tôda a nossa boa-vontade, a cabine de projecção do Palácio das Exposições não tem espaço suficiente para duas máquinas. Contentemo-nos todos com uma só. E, como quem dá o que tem a mais não é obrigado, ficamos de bem com a nossa consciência.

*

Frizamos que os lugares não são marcados. Não há distinções de sócios nem de lugares. Quem chegar primeiro, melhor poiso arranjará. Mas, como sabem, o salão é agradável e tem excelente visibilidade. Mesmo os retardatários ficarão bem instalados.

...Salvo se a lotação estiver esgotada.



Fritz Lang, o grande encenador europeu dirige uma das cenas de «MATOU!» que revelou um extraordinário actor: Peter Lorre

GRANDES PLANOS DE

PADEREWSKY E TI NICOLAU

UMA VITÓRIA DE SIMONE SIMON

Paderewsky morreu há dias, em Nova York. Pode dizer-se sinceramente que a notícia não foi recebida com indiferença. Portugal admirava o famoso pianista que tomara contacto com o nosso público em duas épocas bem distantes. Há muitos, muitos anos, Paderewsky realizou um concêrto em São Carlos. E já nos nossos dias — nos dias da geração do cinema — voltou a arrebatar o público, quando os seus dedos prodigiosos correram sôbre o teclado do piano, na tela do Tivoli, e no filme *A Sonata ao Luar*. A platéia, entusiasmada, prodigalizou-lhe uma ovação demorada — das maiores que se têm registado nas nossas salas.

Conta-se que, quando da sua primeira vinda a Portugal, o artista não ficou com uma impressão muito lisongeira do nosso público... Com efeito, durante o seu concêrto, Paderewsky notara que duas senhoras, instaladas num «avant-scène», se entregavam, desde o início, a uma conversa cortada de risinhos, que as interessava mais do que as peças que êle tocava. A princípio, não fez caso. Mas como a conversa subisse de tom e se prolongasse pela noite fora, Paderewsky, enervado com o que se passava, interrompeu, a certa altura, a execução do trecho que momentos antes atacara, para perguntar, em bom francês, às duas tagarelas, «se o piano não corria o risco de prejudicar a conversa»...

Certos jornais da época, criticaram aquilo que êles consideravam uma incorrecção de artista, esquecidos de que incorrecção maior havia em causa.

Seja como fôr, o público português — cuja sensibilidade não podia ser posta em causa, pela insensibilidade de duas pessoas — teve mais tarde ocasião de render preito de homenagem ao artista, quando da exibição do filme no Tivoli, ouvindo em silêncio e aplaudindo com entusiasmo a sua imagem e a sua Arte, reproduzidas pelos maravilhosos processos mecânicos do cinema.

Não foi sem emoção que lemos a notícia da morte de Paderewsky. Mas, em boa verdade, afigura-se-nos preferível à agonia lenta do artista. Quando passou por Lisboa a caminho do exílio, Paderewsky dir-se-ia uma múmia. Mal se atrevia a responder às preguntas que então lhe formulámos. As suas mãos entorpecidas, dum livor fanéreo, não podiam correr já pelo piano. A idade avançada e o drama do seu País — haviam-no prostrado.

Graças ao cinema, pela vida fora, perdurará a imagem e a Arte de Paderewsky — o homem que legou à Pátria distante o seu coração, como homenagem simbólica do amor que lhe tinha.

•

Simone Simon concluiu, em Hollywood, *The Devil and Daniel Webster*, filme que interpretou para a RKO-Radio. A notícia parece banal, à primeira vista. Mas se evocarmos alguns factos que se desenrolaram, meses atrás, chegaremos à conclusão de que ela tem foros de sensacional.

Simone Simon, depois do êxito do *Lago do Amor*, foi contratada pela Fox e partiu para a Cinelândia. Ali, interpretou vários filmes, desde *Dormitório para Raparigas* até ao *Sétimo Céu* e muitos mais teria desempenhado, se um escândalo tremendo a não houvesse forçado a fazer de novo, rumo a França, onde os estúdios sentiam a sua falta.

Não sei se se lembram das proporções que o escândalo tomou. A secretária de Simone Simon, como a vedeta lhe não desse determinada soma que exigia, foi ao tribunal fazer gravíssimas e escandalosas acusações. Apontou a vedeta francesa como uma segunda Messalina, generosa em doar aos admiradores as chaves de oiro (de oiro americano, possivelmente...) que abri'am as portas dos seus aposentos, a horas ajustadas... A Imprensa explorou o acontecimento com o fragor proporcional à natureza do escândalo. As ligas de moral intervieram. E Simone Simon saiu de Hollywood, corrida e vexada.

Veio para França, mas as coisas ali não lhe apareceram mais propícias. Interpretou *A Fera Humana* e a *Cavalgada do Amor* e exigiu «cachets» de 800.000 francos por cada filme! Mais campanhas (agora por causa dos 800.000 francos) mais ataques, mais dissabores...



Esta é Simone Simon, a actriz que se dizia estar no «index» de Hollywood...

E quando, certa tarde, a encontrámos, no Tejo, no mesmo barco que levava Kiepura e Martha Eggerth para a América, Simone Simon respirava a alegria de se ter visto livre do cinema, no entusiasmo com que nos declarou:

— Não penso, tão cedo, em voltar a trabalhar nos estúdios! Agora, vou para Broadway, representar no palco.

Simone evocava, por certo, os negros dias do processo que a secretária e as «Cornetas do Diabo» americanas lhe moveram — e que Lilian Harvey classificou como «o maior crime de Hollywood, contra uma Mulher e contra uma Artista».

Voltando aos estúdios americanos, com tôdas as honras, Simone Simon venceu, sob o ponto de vista artístico — e triunfou da odiosa e deselegante campanha que Hollywood lhe moveu, com aquela maldade que tem inutilizado outras vedetas, tão talentosas como ela.

E é esta, sem dúvida, a sua grande vitória.

•

Sete pescadores da Póvoa de Varzim, entre os quais cinco com menos de dezoito anos, desaparecidos...

(Conclui na pág. 12)



Ti Nicolau, poveiro e actor de cinema, um dos grandes elementos de «Ala, Arriba!...»



— Lembram-se? Inácio Paderewsky interpretou um filme sonoro, «Sonata ao Luar», onde nos deu belos momentos do seu virtuosismo

HOLLYWOOD

vai apresentar 46 filmes sôbre a guerra actual

Os americanos possuem como ninguém a habilidade de saber explorar todos os assuntos que aparecem.

A guerra tem sido um dos assuntos mais aproveitados pelos magnates de Hollywood para fazer de os principal motivo de inúmeras produções.

Quando da Grande Guerra realizaram-se vários filmes de propaganda e entre êles: «Pela França», de Rex Ingram; «Corações do Mundo», de Griffith; «Civilização», de Ince; «A América campeã do Direito», de Maurice Tourneur e muitos outros além dos documentários de guerra em que se viam Joffre, Clemenceau, Pétain, Poincaré, o Kaiser e o marechal Hindenburgo.

Vem o armistício e passados anos iniciam os americanos uma nova ofensiva de filmes de guerra. Todavia o aspecto sob o qual se via a luta fratricida em que os povos se envolveram era bem diversa. Não era uma propaganda pró-guerra mas anti-guerra.

Pensaram os produtores de filmes que mostrando-a sob o seu verdadeiro aspecto afastavam dos espíritos a ideia de uma possível repetição.

Surgiram então produções como «A Oeste nada de novo», «Asas», «A Grande Parada», «A Patrulha da Alvorada», «Os quatro de infantaria», «Equipagens», «Armas», etc., etc...

E durante anos produziram-se filmes de ambientes de guerra, até que uma nova grande ameaça veio ensangüentar os campos de batalha.

E os americanos que sabem ser oportunos não hesitaram e lançaram-se à produção em série de grandes filmes sôbre a guerra.

Assim, anuncia Hollywood, estão em preparação, realização e montagem nada menos de quarenta e seis filmes!

De tôdas as firmas americanas a Paramount é que vai à cabeça com dez filmes e entre êles os seguintes: «I Wanted Wings» sôbre a arma aérea, a comédia farsa «Caught in the Draft», com Dorothy Lamour e Bob Hope, «Tomorrow's Admirals», com William Holden e Stirling Hayden, outra comédia farsa com Dorothy Lamour e Eddie Bracken, «The Fleet's In», «Flying Blind» com o par Richard Arlen-Jean Parker, drama sôbre a aviação produzido por William C. Thomas e William H. Pine que também adquiriram os direitos de «Torpedo Boat» uma história sôbre a «mosquito fleet» dos Estados Unidos, «War Town», «Channel Fort» com Ray Milland, «The Lady Las Plans» e «Dangerous Holiday».

A Warner apresentará nove filmes dos quais fazem parte «The Battle of the Atlantic» história dos combóios marítimos, interpretada por Dennis Morgan e Priscilla Lane. George Raft e Olivia de Havilland têm os principais papéis de «All Through the Night». «Dive Bomber» é uma fantasia em technicolor com um elenco notável de que fazem parte Errol Flynn, Fred Mac Murray e Ralph Bellamy. «Background to Danger» narrativa sôbre os vôos da R. A. F.

R. K. O. têm em realização e preparação seis produções: «Parachute Battalion», «Journey into Fear», drama de espionagem na Turquia com a vedeta francesa Michele Morgan, «Joan of Paris», sôbre a ocupação da França pela Alemanha. Lucille Ball e Ann Shirley são as principais intérpretes de um filme de espionagem produzido por Harold Lloyd «My Favorite Spy» que já se encontra na montagem.

A Universal produz cinco filmes incluindo uma *serial*: «Sea Raiders». Os cómicos Lou Castello e Bud Abbott são os intérpretes com Dick Powell do Vaudeville «Buck Privates».

A Monogram e a M. G. M. têm cada uma quatro filmes. A M. G. M. produz «Combat Car», com Wallace Beery; «30,000 Horses», sôbre a aviação do Canadá, «Young American» que foca a espionagem na América e que tem como intérpretes Bonita Granville, Ray Mac Donald e Leo Garcey. A Monogram concluiu «Army Hosters», «Top Sergeant Mulligan», «Come the Marines» e «Navy Bound».

Quatro filmes, incluindo três séries é o programa da produção sôbre a guerra que a Columbia tem em realização. Jack Holt interpreta «Holt of the Secret Service». «You'll Never Get Rich» é uma comédia musical com Fred Astaire e Rita Hayworth.

(Conclui na pág. 12)

JOE PASTERNAK

o descobridor de **Deanna Durbin**, deixou a Universal e assinou contrato com a M.G.M.

Embora circulem certos rumores sôbre a actividade futura do produtor Joe Pasternack, foi com incrível surprêsa que Hollywood deu conta da saída da Universal do antigo colaborador do velho Carl Laemmle, e da sua entrada nos estúdios de Culver City.

Não há dúvida que essa resolução de Pasternack se pode considerar sensacional, dado o prestígio que o cerca desde que há uns seis anos ofereceu êsse espectáculo prodigioso que era «Three Smart Girls», uma obra notabilíssima que ousava libertar-se dos velhos «poncifs» que Hollywood se comprazia em seguir. O êxito, coroando de forma rara vezes vista aquele filme, coroou também o esfôrço, a perseverança, a confiança em si próprio que Pasternak demonstrava, desde a época em que, de braço dado com Hermann Kosterlitz — o Henry Koster de hoje — via fecharem-se-lhe na Europa as portas a que batiam, levando debaixo do braço um argumento que os presidentes dos produtores do Velho Mundo recusaram terminantemente. O mesmo argumento que dois anos depois contribuiria prodigiosamente para safar da ruína iminente uma emprêsa de grande passado na história do cinema americano, e de revelar uma actriz cuja colaboração uma outra emprêsa, de ânimo leve, dispensara, transformando-a numa estrêla de primeira grandeza, popularizada no mundo inteiro — Deanna Durbin.

Joe Pasternak, cujo tacto, competência e autoridade não consentiram até agora um trabalho menos feliz, acaba de assinar, como dissemos o seu primeiro contrato fora da companhia para quem sempre trabalhara, quer na Europa, quer na América — a Universal — para onde entrou aos quinze anos como clerk de «Pai» Laemmle, para alguns anos depois dirigir na Europa a «Deutsch-Universal», onde produziu «S. O. S. Iceberg», «Parada da Primavera», «Paprika», ambos com Franziska Gaal que êle próprio descobrira, etc.

Esse contrato com a Metro Goldwyn Mayer é por um período de três anos, sem direito a opção, isto é, ao fim dêsse período se assim o entender, pode Pasternack retomar a sua liberdade. Começará a vigorar a partir do dia 1 de Agôsto próximo, altura em que terá ultimado os seus compromissos com a Universal, o principal dos quais é a conclusão do filme de Deanna Durbin e Charles Laughton «Almost an Angel», que com «Parada da Primavera» de Deanna Durbin e «Countess of New Orleans» de Marlene, dirigido por René Clair constituem os três últimos trabalhos da sua colaboração com a companhia de Universal City.



Aqui temos Joe Pasternak ao lado de Deanna Durbin, quando ambos trabalhavam juntos, na Universal

O PRETO NO BRANCO

por A. de Carvalho Nunes

Vamos fazer uma estranha confidência, com a certeza de que o leitor saberá guardar o carácter estrictamente privado da revelação.

Desde o primeiro número do «Animatógrafo» os seus colaboradores mantêm entre si uma *terrível* emulação, que se traduz em cada um procurar servir o melhor possível a «sua» revista.

Existe, enfim, entre os redactores, o chamado espírito de «équipe»; faz-se o verdadeiro «association». E a necessidade de recorrermos a termos estrangeiros para definir um tal espírito, revela bem que até há pouco êste não era comum nos portugueses.

Que o provérbio «a união faz a fôrça» tem cabelos brancos, mas quando eramos mais jovens sempre o ouvimos transformado em grito de guerra, um grito que não deixava de encontrar um eco menos mavioso que o do pôço da Branca de Neve.

A união fazia realmente a fôrça, porém esta era só aplicada em desbaratar, desbaratando-se...

Como cá em casa não é assim, o barco tem singrado, entre as minas à deriva das dificuldades que passam, que hão de passar — se «Dios lo quiera».

E daí não ter Mota da Costa melhor leitor que o Bel-Tenebroso, nem o Ignácio da Purificação quem mais aprecie os seus desabafos do que o nosso director.

O mesmo se dá extra-muros.

Foi na «Acção» — semanário da vida portuguesa — que lemos o Balanço da época, de Domingos Mascarenhas, com o interêsse que sempre nos provocam os trabalhos que saiem das suas mãos.

E em frente da lista dos 34 filmes que apontou como «os melhores» da temporada, ocorre-nos levantar nesta altura não *o problema da côr*, porque êsse encontra-se resolvido satisfatòriamente, mas *o caso da côr*, sôbre o qual muito há ainda a dizer.

* * *

Para de certo modo estabelecermos um paralelo, vejamos o sucedido aquando da precedente inovação por que passou o cinema.

Profundas e extensas foram as conseqüências do advento do sonoro: intrometendo-se na zona de influência do teatro, apressou a queda dêste; obrigou a uma difícil e dispendiosa adaptação a própria indústria do filme; os quadros do pessoal técnico e artístico foram refundidos de alto a baixo, etc., etc.

Em compensação, o sonoro criava um número infinito de novas possibilidades e abria rasgados horizontes ao cinema que, desde então, passou a olhar sem receio o futuro.

No total, uma verdadeira revolução na arte cinematográfica, sob qualquer ponto de vista em que nos coloquemos — desde a produção à exploração.

E o colorido?

O colorido constitue uma maravilha do cinema, uma autêntica maravilha. E não serão demais os elogios que façamos aos que porfiaram nos laboratórios e depois se esforçaram por trazer a grande descoberta para o plano industrial.

Mas, em boa verdade, o colorido, em relação ao sonoro, não foi mais que modesto acontecimento — nas repercussões que teve na indústria do cinema e junto do público.

Hoje que já passou a época dos personagens com a pele côr de tijolo e dos trajes com tons obrigados, e se caminha a passos agigantados para uma relativa perfeição, é tempo de se tirarem algumas ilacções do que tem sido dado observar.

(Conclui na pág. 12)

Na TÓBIS PORTUGUESA continuam as filmagens de "O Pai Tirano"

Durante tôda a semana continuaram os trabalhos de filmagens de «O Pai Tirano», produção e encenação de António Lopes Ribeiro.

Impressionaram-se tôdas as cenas passadas na pensão, encontrando-se já em demolição todo o complexo composto de casa de jantar, quarto, corredor e escada.

No último domingo, a equipa da Produção António Lopes Ribeiro deslocou-se mais uma vez ao Chiado. Mas desta vez o aparato foi maior e «O Pai Tirano» não passou despercebido. Logo de manhã cêdo, oito horas, chegou à rua do Carmo o camião de som da Tobis Portuguesa e a camioneta da Prod. A. L. R. que descarregaram todos os aparelhos necessários à filmagem. Começou logo o ajuntamento de curiosos e cinéfilos que aproveitaram a ocasião para assistirem a um espectáculo que lhes é vedado e cujos resultados podem ver todos os dias nos cinemas.

Pouco depois começaram a chegar os automóveis que traziam os artistas. Apareceram então Leonor Maia que foi acolhida com geral simpatia e murmúrios de agrado da parte dos circunstantes que tiveram a felicidade de poderem admirar a figura graciosa da intéprete de «O Pai Tirano» e ver com os seus próprios olhos como ela representa, Arthur Duarte, cuja reaparição como actor de cinema causou grande satisfação entre os cinéfilos portugueses, Ribeirinho que cativou desde a «Revolução de Maio» a amizade e admiração do público dos cinemas, e que fez rir com prazer quem assistiu às filmagens naquele domingo escaldante, Idalina de Oliveira e Noémia Leitão, a primeira trabalhando actualmente no teatro e a segunda uma estreante, interpretando ambas, pela primeira vez, papéis para o cinema.

Assim que César de Sá, o operador-chefe da Prod. A. L. R. e técnico de inegáveis qualidades, achou a luz do sol em condições de se poder começar a filmar, António Lopes Ribeiro deu início aos trabalhos.

E até às vinte e uma horas e trinta minutos trabalhou-se activamente sob um calor bem pouco agradável. Era já noite, havia muito, quando a equipa regressou ao Estúdio.

* * *

No plateau da Tobis Portuguesa filmaram-se algumas cenas e entre elas uma cujo ambiente é o de uma sala de cinema durante um intervalo. Interpretaram essa cena a actriz Emília de Oliveira que tem à sua responsabilidade uma das mais curiosas figuras de «O Pai Tirano», a D. Emília, dona de uma pensão e madrinha da Tatão, e Leonor Maia que é a sua «afilhada».

* * *

A grande camaradagem que reina entre todos os componentes das equipas técnica e artística de «O Pai Tirano» levou a considerarem-se todos em família.

— Assim é costume ouvir dizer-se:

— Viste para aí o meu «marido»?

— Ó «madrinha» são horas de irmos para a cena.

— Minha «filha» sorri um pouco mais para o lado direito.

E assim sucessivamente.

Até outro dia o Carlos Ribeiro, chefe dos serviços de cena, lamentava-se por estar completamente abandonado, a «espôsa» e a «sogra» não tinham trabalho nesse dia, e à hora do almôço era vê-lo aborrecido sentado à mesa. Mas não foi por muito tempo, êle conseguiu «arranjar» uma nova «parente».

E o trabalho prossegue, dentro da mais perfeita organização.



A estreante contracena com a veterana. Leonor Maia e Emília de Oliveira, a afilhada e a madrinha, conversam durante o intervalo num cinema

NOTICIAS DE HOLLYWOOD

GINGER ROGERS assina com a RKO um novo contrato por mais três anos

A atmosfera de espectativa com que em Hollywood era aguardada a decisão de Ginger Rogers, quanto ao seu novo contrato, acaba de se desanuviar, da mesma forma como acabou já o verdadeiro tráfico de influências que à volta da maravilhosa intérprete de tantos e tão belos filmes se agitava e em que intervieram, como fácil e compreensivelmente se calcula, tôdas as grandes emprêsas produtoras que aspiravam a ter a colaboração valiosíssima da actriz excepcional de «Kitty Foyle».

De facto o terceiro contrato com a RKO-Radio, (desde 1934 está ligada a esta emprêsa, sob cuja égide a sua carreira excepcional tem decorrido com um brilho notável pois foi nos estúdios de Gower Street que ela se fez a artista de excepção de que o cinema se orgulha), terminava agora, e muito eram os boatos que corriam dando como certa a sua saída da RKO, em virtude dos seus desejos de se tornar uma artista independente.

Como sempre sucede, os alviçareiros enganaram-se...

Ginger Rogers, que concluiu há



poucos dias o filme de Garson Kanin «Tom, Dick and Harry», assinou com George Schaeffer, presidente daquela companhia um novo pacto que por mais três anos a ligará à sua emprêsa. Segundo os termos dêsse contrato Ginger fará dois filmes no primeiro ano e nos anos seguintes um número que não foi determinado.

Nesse documento não é feita menção qualquer relativamente à possibilidade de trabalhar em outras companhias, quer permitindo quer proibindo tal. No entanto supõe-se que em virtude dos desejos, já mais de uma vez por ela manifestados, lhe será dada permissão de interpretar fora da RKO, um filme por ano, desde que tanto o argumento, como realizador e parceiros tenham a plena aprovação da RKO, ficando ainda esta emprêsa, como é natural, com os direitos de prioridade na utilização da vedeta.

Ficou também assente, que o primeiro filme a entrar em realização seria «Weekend for Three» — «Fim de semana para três», de que Eric Pommer será o produtor. Não se sabe até à data nem o nome do realizador nem quem serão os seus parceiros.

Congratulemo-nos, todos os seus admiradores, por ela ter ficado na RKO. Nada mais justo pois os seus dirigentes souberam dar-lhe, sempre, as melhores oportunidades, abrindo inteligentemente o caminho da sua bela e cheia carreira.

Víctor Mac Laglen e Edmund Lowe
voltam a ser o sarg. QUIRT e o capt. FLAGG

De «O Preço da Glória» que foi depois do êxito verdadeiramente clamoroso de «Grande Parada», o maior triunfo do género dos filmes de guerra que nessa época encheram os écrans de todo o mundo, saíram para depois aparecerem como heróis de uma série apreciável de filmes, duas das suas principais figuras — o capitão Flagg e o sargento Quirt — camaradas leais, valentes como as armas, mas rivais e inimigos irreconciliáveis em face duma aventura de amor, em que, sempre o Capitão, levava no final a melhor.

Edmund Lowe e Victor Mac Laglen popularizaram essas duas figuras de destemidos soldados, em aventuras que se estenderam por numerosos filmes e decorreram em vários países.

Agora, êsses dois heróis vão de novo reviver na tela, uma vez mais interpretados por Edmund Lowe, hoje quási esquecido, e por Victor Mac Laglen, cuja actividade nos estúdios tem sido, nestes últimos tempos, mais diminuta. Foi a RKO-Radio que resolveu levar outra vez para a tela as proezas e as desavenças dos dois célebres personagens.

Êsse primeiro filme, cujo argumento é da autoria de Tom Reed e será dirigido por Leslie Goodwins, tem por título «The Marines are Ready».

Como se vê, nesta nova fase, o capitão Flag e o sargento Quirt mudaram de farda, pois pertencem, de ora em diante, à marinha. O que não deve ter mudado é o espírito de rivalidade em presença de qualquer donzela...

CAROLEEN LEE, de 5 anos, recebe da Paramount 30 contos por semana!

Provàvelmente nunca ouviram falar em Caroleen Lee, um nome que está presentemente fazendo furor no meio cinematográfico de Hollywood. Não é uma nova «vamp», nem tampouco uma «ingénua» com mais ou menos conhecimento da vida. Nada disso. Miss Lee é uma petizinha de seis anos que representa com a convicção e o à-vontade duma actriz consumada.

«Honeymoon in Bali», já exibido entre nós com o título de «Um Noivo para três Noivas», foi o seu primeiro filme, o seu primeiro cartão de visita de Hollywood, quando a pedido dum dos dirigentes da Paramount seus pais, o sr. Warren Copp, dirigente duma grande companhia produtora de aço, de Ohio, e a sr.ª Copp, a deixaram aparecer no cinema onde, segundo tudo leva a crer, uma carreira brilhante a espera.

Caroleen, que fez já quatro filmes, o último dos quais foi «Virginia» produção a côres com Madeleine Carrol e Fred Mac Murray, acaba de assinar com a Paramount um novo contrato pelo qual receberá a fabulosa quantia, para uma criança da sua idade, de mil duzentos e cinqüenta dólares semanais, o maior ordenado que há memória de ter sido pago a uma criança no início da sua carreira, pois nem mesmo Shirley Temple, nos seus primeiros tempos evidentemente, se pode gabar de ter tido tão avultada retribuïção.

O contrato foi prèviamente aprovado pelo juiz Emmett H. Wilson, do Supremo Tribunal de Los Angeles, e por êle ficou estabelecido que um têrço será depositado numa casa de crédito, de forma a não poder ser levantado antes de Caroleen Le atingir a maioridade. Êste cuidado compreende-se depois de alguns casos sucedidos, como por exemplo o de Jackie Coogan que, posssuidor duma fortuna enorme se viu dum momento para o outro arruinado em virtude dos seus lhe terem gasto a fortuna. O contrato estipula também que depois de cada filme Caroleen terá seis semanas de férias junto dos pais.

BUSTER KEATON
regressa ao Cinema

«Assim Nasceu o Cinema» a curiosa e emocionante biografia das imagens animadas do outro lado do Atlântico, que todos ficámos a dever à Fox, teve a oportunidade simpática de puxar de novo para a tela a silhueta inconfundível e inesquecível de Buster Keaton, que foi grande entre os grandes comediantes da sua época, e que as vicissitudes do tempo e da vida quási fizeram esquecer. Pois «Pamplinas» o que nunca ria, parece vir fazer, com aspecto definitivo a sua reentrada no cinema americano. Realmente, depois de ter feito algumas comédias curtas foi contratado há pouco pela Republic. O primeiro filme em que aparece intitula-se «Puddin Lead». É vedeta do filme Judy Canova, uma artista cómica à maneira de Luisa Fazenda e da Polly Moran dos bons tempos de Mack Sennett, cujo primeiro filme, «Lis Hopkins» alcançou um êxito de bilheteira excepcional.

No filme aparecem também Francis Lederen, Raymond Walburn e Slim Summerville, sendo Joseph Stanley o director.

LINDA WARE
vai interpretar o seu 2.º filme

A descoberta de Deanna Durbin, com o espantoso êxito dos seus filmes chamou a atenção dos vários produtores para as jovens cantoras, prima-donas de quinze anos, elementos ao que parece seguros para o êxito dos seus filmes. E foi dessa forma que começaram a aparecer em Hollywood uma variedade apreciável de semelhantes fenómenos, que tiveram fortuna diversa — umas ficaram, como realidades seguras, ao passo que outras passaram como fugazes metéoros.

Entre o grupo das que ficaram contam-se os nomes de Suzana Foster, Gloria Jean e de Linda Ware. Vimos Linda pela primeira vez, esta época já, ao lado de Bing Crosby no filme «O Fabricante de Estrêlas» que o Condes passou, onde todos puderam admírar a sua voz de características realmente invulgares numa garota da sua idade.

Linda Ware vai agora, de novo, mostrar os seus gorgeios de grande cantora num outro filme que os irmãos Kozinsky vão produzir e que se intitula «Paper Bullets». «Balas de Papel» terá também a particularidade de nele aparecer, desta vez num papel simpático o actor Jack La Rue que se especializou em papéis de particular antipatia, daqueles que mesmo os «vilões» *attitrés* se recusam a representar com mêdo das reacções do público...

«FLASHES»

● *NILS Asther, que já contracenou com Greta Garbo, e Alice White, que chegou a ser uma grande vedeta de comédia, voltou ao cinema depois de longos anos de ausência no filme da Paramount «Night of January 16», com Robert Preston e Ellen Drew.*

● *DEPOIS de um ano consecutivo de cartaz, saiu do cinema de Nova Iorque onde se exibia, o filme de Pagnol «La Femme du Boulanger» para dar lugar à versão francesa de «Pepé Le Moko», que obteve na estreia um êxito excepcional. Jean Gabin assistiu e foi ovacionadíssimo.*

● *PARA a exploração do filme «Ziegfeld Girl», a M. G. M. utiliza na sua campanha de publicidade nada menos que seis «trailers» ou filmes-anúncio, que são exibidos segundo uma certa ordem.*

O PRETO NO BRANCO

(Conclusão da pág. 10)

* * *

O facto incontestável é que, enquanto o cinema mudo morreu, o filme preto e branco não só subsiste como goza de excelente saúde.

Com a excepção do filme de desenhos animados.

Nesse, sim, a côr tornou-se indispensável.

Dir-se-ia que a pseudo-natureza *infantil* dêsses trabalhos convida à intervenção dos lápis de côr...

Quando, presentemente, os desenhos animados são apresentados sem coloridos, tem-se a impressão que se está perante uma obra incompleta, inacabada.

O colorido casa-se perfeitamente com a fantasia, e quando trabalhado por um Disney alarga as fronteiras do irreal.

Aliás, um filme do Disney é sempre um sonho e os sonhos e a côr encontram-se tão intimamente ligados que a poesia *implicou* freqüentemente com o arco-iris e é vulgar a expressão «sonho côr de rosa», a significar qualquer coisa extremamente bela.

É claro que o colorido trouxe um atributo novo ao cinema, mais um motivo de êxito, e há filmes que devem à côr a sua única razão de vingarem.

Mas nós levantamos a questão, que tem importância sob o ponto de vista comercial e, portanto, que decide até certo ponto dos destinos do colorido: — como se comporta o público perante tal inovação?

Evidentemente que a aceita de bom grado, sempre que lha dêem.

Mas não põe diante de si o dilema do ser ou não ser — e eis o ponto nevrálgico da questão.

Quere dizer: o público não prefere um filme colorido a outro que o não seja, só por isso mesmo. E muitas vezes, ao decidir-se na escolha de programa desconhece se o filme que vai ver é ou não realizado em preto e branco.

No entanto, se o filme preferido trouxer a surprêsa da côr, julgamos que não fica contrariado com isso, antes pelo contrário.

Ora, enquanto durar êste estado de espírito crítico, e sabido como é que o cinema colorido se torna muito mais dispendioso do que outro, os industriais sentir-se-ão inclinados a percorrer o caminho mais fácil, de preferência a meterem-se por atalhos.

* * *

Consultemos agora, em face destas considerações, a lista das 34 melhores produções da época segundo o abalizado critério de Domingos Mascarenhas, e havemos de ver a confirmação dessas mesmas considerações.

Com efeito, lá vêm as fantasias coloridas do «Pinocchio», de «O Feiticeiro de Oz» e de «As Viagens de Gulliver».

Mas é de assinalar que os dez filmes que vêm à cabeça (por os considerar mais equilibrados) são, à excepção do «Pinocchio», *todos* em preto e branco: *O Monte dos Vendavais, Ninotchka, Mulheres, Rebecca, A Cidade Turbulenta, A Loja da Esquina, A Rapariga da Gola Branca, Peço a Palavra!, Jezebel, a Insubmissa* e *Orgulho e Preconceito* (por ordem cronológica de apresentação).

E dos 24 restantes só são coloridos: *A Passagem do Noroeste, As Aventuras de Robin dos Bosques, Sinfonia dos Trópicos* e *Os Sete Cavaleiros da Vitória*, em magra proporção portanto com os descoloridos, que não desmaiaram.

Ao enumerarmos estes últimos quatro trabalhos encontramos a confirmação do que atrás deixamos dito: qualquer dêles deve muito do seu êxito ao colorido.

Mas iludir-nos-íamos supondo que a côr é para o cinema um simples recurso, uma mão de tinta lustrosa a esconder a má qualidade da madeira...

É um *processo* de arte de aceitar sem reservas, pôsto que seja melindroso o seu emprêgo.

No fundo, fica porém intacta a nossa admiração pelo outro processo, mais sóbrio, menos teatral, jogando mais com a luz — elemento primacial do cinema.

É que temos receio que o *pássaro azul* do Cinema, enfeitado com tantas penas, deixe de voar tão alto.

Hollywood

(Concl. da pág. central)

A Fox, produz três filmes, sendo um dêles interpretado por Stan Laurel e Oliver Hardy, os conhecidos Estica e Bucha e que se intitula «Forward March». Tyrone Power trabalha em «A Yank in the R. A. F.». «Confirm or Deny» é a terceira produção da Fox nesta ofensiva de filmes de guerra.

A Repúblic tem três filmes incluindo uma série intitulada «King of the Texas Rangers».

A United Artists produz de colaboração com Edward Small e Walter Wanger «International Lady» com George Brent, Ilona Massey e Basil Rathbone, e «The Eagle Squadron».

A produção Releasens Corp., tem também em realização um filme.

Conforme se verifica, a América não perde a oportunidade de aproveitar a situação presente para assunto de 46 filmes com os mais variados temas desde a farsa-comédia ao melodrama.

Não empreste nem peça emprestado o «ANIMATOGRAFO»

CARTAS DUM CINÉFILO

Incomparável director:

Que pena eu não ter sabido que iam filmar no Chiado pois teria ido até lá, mas incógnito, ver os trabalhos para depois dar a minha opinião pois eu, fique sabendo, de exteriores percebo um bocado.

Continuo sem receber os retratos das vedetas Graça Maria e Maia Leonor. Faça favor de dar providências pois estas meninas não são mais que as americanas que mal eu lhes peço os retratos se apressam a mandar e sempre com dedicatórias amáveis cá para o Ignácio. Quere dizer que em Hollywood que não é a minha pátria, sou estimado, e no Lumiar não me ligam nenhuma. Mas elas é que ficam a perder pois eu quero fazer um estudo sôbre as fotografias, pois talvez elas sirvam para protagonistas dos meus filmes. Se não me mandam os retratos elas é que ficam a perder. Depois não se queixem.

Vou também estabelecer uma relação de intérpretes para as minhas produções. É uma medida de grande alcance e assim, logo que eu comece a filmar já tenho onde escolher os intérpretes. Como vê todos os meus projectos se mantêm de pé. Tudo depende da atitude do meu pai. Os diabetes pobres êsses ainda não desanimaram, pelo que tudo leva a crer que no inverno eu entre em actividade. A não ser que a doença não fôsse para a frente, mas longe vá o agouro.

Fui ao Eden ver o «Tiro de 20 mulas», com Wallace Beery, que depois do Patrício Alvarez é o artista de cinema que eu mais gosto de ver trabalhar. A fita sugeriu-me uma ideia para um filme da minha produção, que será o terceiro que eu vou fazer. Já tenho o título, que não me parece mau. A minha terceira produção intitular-se-á «O Tiro de 20 paus». Que tal?

Já deu ordem ao porteiro da Tobis para me deixar entrar? Olhe que eu qualquer dia vou visitá-lo e, ao mesmo tempo, visitar o estúdio para ver se serve para os meus filmes.

Adeus até para a semana. Seu colega realizador

Ignácio da Purificação

A FEIRA DAS FITAS

«O TIRO DE 20 MULAS»

(«20 Mule Team»)

Sempre que chegavamos aos fins de Junho, princípios de Julho os nossos cinemas fechavam as portas. O natural calor não convidava o espectador a fechar-se dentro das salas escuras, as famílias que freqüentavam as principais salas mal os «peque-famílias que freqüentavam as principais salas mal os «pequenos» acabavam os exames saíam de Lisboa, as esplanadas, as praias dos arredores e os passeios fluviais da Parceria exerciam perigosa concorrência — e os empresários concluiam que o negócio no verão dava muito pouco. Alguns houve no entanto que, um dia repararam mais valer pouco que nada. E as salas fechadas não podiam dar realmente nada. Abertas, pouco ou muito, alguma coisa correria. Os cinemas de «reprise» continuaram a exibir os seus programas gozando da vantagem do seu público se conservar mais tempo em Lisboa agarrado às suas ocupações e, ainda, o ter menos acessíveis as outras diversões. Houve depois alguns cinemas de estreia que, no verão transformavam a sua fórmula de exploração para gozar das máximas vantagens nas duas épocas e passavam a funcionar como cinema do bairro. Lentamente, de ano para ano, a época foi-se alargando, entrando mais pelos meses da calmia. De há três anos a esta parte o *Eden* resolveu que o Cinema é espectáculo para todo o ano, e capaz de razoável rendimento desde que os programas não sejam feitos daquelas insípidas fitas a que se convencionou chamar «de fim da época» e a sala reúna as condições de comodidade (de frescura!) suficiente. Parece que, afinal, o público era desabituado à fôrça de ir ao Cinema. Lopo Lauer empresário de inteligente e arrojada visão disse-nos que depois de três anos de exploração nos meses quentes verifica que de ano para ano as receitas da época vão aumentando o que parece provar que o público é susceptível de se habituar a ir *sempre* ver as fitas como, aliás, acontece em todo o mundo civilizado.

Falamos da necessidade de manter o mesmo nível de categoria dos filmes exibidos para não se manter essa fronteira prejudicial de época de verão — época de inverno.

Mas sabemos, que os distribuidores defendendo-se, guiando o seu negócio não gostam de estrear bons programas no verão por não poderem ter com êles receitas que noutro tempo mais propício se apresentariam mais elevadas. Mais digno de louvor é por isso o esfôrço do exibidor que consegue apresentar nesta altura, não os melhores programas porque seria absurdo — mas programas decentes, capazes de alinhar ao lado de outros que sem os envergonhar correram nos meses de inverno.

QUADRO DE HONRA

No filme exibido em Lisboa na última semana, «Animatógrafo» chama a atenção do público para o que nele merece atenção especial

«O TIRO DE VINTE MULAS» (M-G-M)

— **As interpretações de** WALLACE BEERY **(Billi Bragg)**, NOAH BEERY JOR. **(Mitch) e** ANNE BAXTER **(Jean).**
— **A fotografia de** CLYDE DEVINNA.
— **A realização de** RICHARD THORPE **extraordinária na cena da perseguição.**

Em «O Tiro de 20 Mulas» voltamos a apreciar nova criação de Wallace Beery. Como quási sempre tudo foi desenhado à volta da personagem que êle criou — e a personagem é bem irmã de tantas outras suas que temos visto, impregnada duma certa poesia —melhor dum esbôço de poesia, poesia adivinhada que canta o meio patife de coração piegas, capaz de estoirar um amigo se fôr preciso para alcançar uns milhões e capaz, também de morrer de sêde no deserto para salvar o amigo a quem quis matar. Wallace é completo na interpretação dessas figuras cheias de manha ingénua, de «espertezas», dêsses homens violentos que as mulheres ou as crianças dominam, e que passam o dia a praguejar contra um criado mas choram sentidamente por êle. O seu trabalho em «O Tiro de 20 Mulas» não acrescenta nada de novo ao que sabemos de Wallace Beery. Também não lhe rouba nada. Não é melhor nem pior e, por isso mesmo, é muito bom. De Leo Carrillo que também costuma ter umas criações especiais já não podemos dizer o mesmo — o seu trabalho é contra o costume bastante apagado. Noah Beery Jr. (que tem a cara do seu ilustre tio Wallace) aparece mais uma vez numa criação que embora não tenha o folêgo do papel de «As Mãos e a Morte» é no entanto suficiente para nos, mostrar outra vez as suas qualidades e a sua magnífica máscara cheia de presença e personalidade.

Mas o «caso» de interpretação do «Tiro de 20 Mulas» é Anne Baxter uma ingénua que já conheciamos «de vista», não sabemos bem de que fita mas que só agora entrou definitivamente nas nossas relações pois é êste o seu primeiro papel de importância apresentado entre nós. A sua juventude e a delicadeza da sua beleza servem a personalidade com que representa e valorizam extraordinàriamente o seu trabalho que é sempre correcto e por vezes magnífico como na cena da discussão com Noah Beery *(Mitch)*.

Richard Thorpe dirigiu «O Tiro de 20 Mulas» e imprimiu-lhe algumas características peculiares dos seus trabalhos inclusivé uma certa irregularidade. Teve o talento de fazer desempenhar o primeiro papel do filme ao extraordinário cenário que a bela fotografia de Clyde Devinna valorizou bastante e de a cena das vassouradas na pensão é frouxa, em compensação o alarme com o ferimento de Josie é bem movimentado e a perseguição e morte de Stag Roper é conduzida com invulgar poder, acabada em grande estilo e pode alinhar ao lado do muito bom que se viu esta época.

F. G.

Paderewsky e Ti Nicolau

(Continuação da pág. 7)

ceram no mar, na madrugada do dia 11. Na restinga de Anzeiras, o barco que os levara para a faina da pesca, deu à costa, de quilha para o ar. Dentro, enleado nas rêdes, o cadáver dum tripulante, símbolo da catástrofe.

O acontecimento, como era natural despertou em todo o País um eco doloroso. E, em Lisboa, foi particularmente sentido pela colónia poveira, que trabalha nos estúdios da Tobis, no filme *«Ala, Arriba!»*, de Leitão de Barros. A ansiedade pelas notícias cavou mais fundas as rugas dos velhos lôbos do Mar, que temiam pela vida dos seus. O telégrafo não tardou em trazer a lista dos nomes dos homens que seguiam no «Senhora da Graça». E os maus presságios cumpriram-se!

A desgraça feriu o mais idoso dos pescadores que trabalhavam no filme. O «Ti» Nicolau, que já vai nos seus oitenta e quatro anos, perdeu o neto. Era, dos homens, a única pessoa de família que lhe restava. Filhos e netos — todos o Mar havia tragado, em sucessivos desastres.

Chorava como uma criança, ao contar-nos como o destino se compraz, por vezes, em dispor as coisas, de forma a registarem-se tristes coincidências. Quando êle veio, o rapaz tomou o seu lugar na companha. À hora a que, no estúdio, o «Ti» Nicolau representava a cena do naufrágio do filme, o neto morria por ocupar o pôsto que a êle competia na vida real... E era êsse desgôsto, sôbre o da perda do ente querido, que o desesperava e afligia.

Para lá partiu, dias depois, com uma única ambição: que o mar restituísse o corpo do seu neto, para que, ao menos, o pudesse rever na serenidade da morte — já que Deus não quisera que o fôsse encontrar com vida...

FERNANDO FRAGOSO

«ANIMATÓGRAFO» encarrega-se de fazer chegar, gratuitamente, às mãos de todos os artistas portugueses de cinema, as cartas que lhes forem enviadas, ao cuidado da nossa Redacção, para a Rua do Alecrim, 65, 1.° — LISBOA

O Correio de Bel-Tenebroso

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

949 — BOB TAYLOR *(Lisboa)*. — Faço ideia da necessidade que terás de conhecer as moradas de Alice Slombs, Alice Vignan e Ann Told. Passar-te-á, porventura, pela cabeça que eu não tenho mais nada que fazer do que responder às preguntas disparatadas sôbre o paradeiro de três vedetas (?) que só deverão existir na tua imaginação?!

950 — REY... SEM TRONO. — *Furacão* era sem dúvida superior a *Tufão*. Entre os dois, há a distância que separa um do outro, nos domínios eólicos. — *Crime e Castigo* e *Punição* são as versões, francesa e americana, do mesmíssimo romance de Dostoiewsky. — É possível que Patsy O'Brien seja, como tu dizes, a mulher mais feia de Hollywood e, cumulativamente, a detentora das pernas mais belas da Cinelândia. Pela minha parte, ignoro, e, deixa-me dizer-te, não me interessa nada averiguar o caso... — Êste leitor saúda *Uma Loira Madeirense*, *Jane*, *Boneca Volúvel*, *Eva do Século XX* e *Uma Garota Madeirense*, ou sejam as mais assíduas leitoras da Ilha da Madeira.

951 — BOB WHITE *(Ovar)*. — Noto que foi por «economia» *(sic)* que escreveste *White* sem *h*. Enquanto as restrições por ti decretadas se resumirem a esta letra ,a coisa não vai mal. Pena é que fiquemos sem *chá*... — *O Monte dos Vendavais* é um dos mais belos filmes que tem aparecido nas telas de Lisboa. — Idem, Idem, quanto a *Robin dos Bosques*.

952 — SID PERCUS. Fizeste bem em acreditar que eu te responderia. De facto, lembro-me de ter respondido pelo menos a uma carta tua. — Transmiti a tua carta para *Uma Morena insinuante*.

953 — CONDE AXEL DE FERSEN DA SUÉCIA *(Lisboa)*. — Escreve a Jean Arthur para Warner Bros. First Studios, Burbank Califórnia. Esta vedeta nasceu a 17 de Outubro de 1908. — A lista dos filmes da Crawford é extensíssima, pois engloba quási tantos filmes mudos como sonoros. Eis alguns dos principais: *O Turbilhão da Dança*, *Os Noivos d eMary*, *Uma Mulher que Venceu*, *A vida é o dia de hoje*, *Os dois amores de Diana*, *Doidos & Companhia*, *A úutima conquista*, *A noiva de Vermelho*, *Manequim*, *Mulheres*, *Fugitivos da Guiana*, *As teorias de Suzana*, etc. — Joan Fontaine nasceu em 22 de Outubro de 1917. Escreve-lhe para R. K. O.-Radio Pictures, 780 Gower Street, Hollywood, Califórnia.

954 — OUBLI *(Penafiel)*. — Transmiti ao nosso Director as tuas palavras de incitamento, pela obra realizada em *Animatógrafo*.

955 — ESTUDANTE DE OXFORD *(Cartaxo)*. — O problema da produção contínua foi estudada por António Lopes Ribeiro, que nos anunciou tê-lo resolvido. Mais do que eu te possa dizer, os últimos números de *Animatógrafo* elucidar-te-ão convenientemente.

956 — SOL DE OUTONO *(Lisboa)*. — Compreendo, perfeitamente, o teu amor pelo cinema. Como disse alguém: «é o ópio do espírito».—Registo a tua admiração pelo Melvyn Douglas, tão bom actor que suportou o confronto com Garbo, em *Ninotchka*. — Luise Rainer é melhor actriz teatral do que cinematográfica. A despeito dos dois prémios consecutivos da Academia, acho-a pouco humana e muito artificial. E repara que a sua carreira na tela, pràticamente findou. Luise é vienense. — Podes escrever-lhe para a Metro Goldwyn Mayer, Culver City, Califórnia.

957 — JOAN GABLE *(Lisboa)*. — O teu desejo foi satisfeito: *Teorias de Suzana* já se estreou em Lisboa. Como não quero que me agradeças indevidamente, devo dizer-te que, para aí, não pus prego nem estopa...

958 — UMA LOIRA MADEIRENSE *(Funchal)* — A descrição que me fazes do Jardim onde te encontravas, quando me escreveste, revelou-te como uma «paisagista» de mérito e fiquei conhecendo, nos seus pormenores, êsse maravilhoso jardim suspenso sôbre o Atlântico, pontilhado de margaridas e perfumado pelos jasmins e madrinhas. — Transmito as tuas saudações a *Dinhamá*, *Coração sem Rumo*, *Conde Misterioso*, e, em especial, a *Sem Amor*.

959 — BONECA VOLÚVEL *(Funchal)*. — Noto, com prazer, a tua declaração de que, à data a que me escreveste, estavas zangada com tôda a gente, menos comigo. Essa misantropia e misogenia ataca em regra todos os mortais. É uma doença extremamente aguda, mas passageira. — *Meia-Noite* é uma comédia muito engraçada. — *Boneca Volúvel* (honny soit...) está disposta a corresponder-se com leitores da nossa revista ,desde que êles sejam os primeiros a escrever-lhe. — Transmito as tuas saudações a *Exilado do Mondego*, *Rey sem trono*, *I love Shirley Temple* e *Doido com juízo*. — Faço votos porque na tua próxima carta me dês notícias dos teus exames, que sejam de molde a mandar-te calorosos parabéns.

960 — OL. RODRIGUES *(Lisboa)*. — Beatriz Costa está no Brasil. Escreve-lhe «Ao cuidado do Casino da Urca, Rio de Janeiro, Brasil».

961 — JACK HALFORD *(Lisboa)*. — Escreve a Jean Chatburn para a Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia. — O Charlie Chan e o Warner Oland não são «dois falecidos artistas». O primeiro, o detective chinês, protagonista de tantos filmes policiais, é uma personagem de ficção. O Warner Oland, sim, existiu. Foi o artista que criou, na tela, a figura do arguto «Sherlock Holmes» mongólico, que com uma calma impressionante tem desfiado tenebrosas meadas, nos mais variados rincões do mundo. Depois de Warner Oland ter morrido, Sidney Toler passou a ser o legítimo Charlie Chan, na tela cinematográfica. — Êste leitor gostaria de corresponder-se com *Duas Alentejanas íntimas*, *Pinnochia*, *Donalda*, *Garota de Lisboa* e *Raínha Farida*.

962 — PEDRO LESTE. — De todos os filmes que em Portugal se têm projectado, poucos são os que passaram para os domínios das realidades práticas. Por isso, não viste ainda nas telas portuguesas *Fátima*, *Um homem do Ribatejo*, *O Rei dos Homens*, *O Cavaleiro de Alcácer*, *A Selva*, *A Noiva do Brasil* e *Os sete caminhos*, para me referir só aqueles que citas. Em compensação vês nos outros, de que se não falava por certo no artigo a que aludes: *Lôbos da Serra*, *Ala, Arriba* e *O Pai Tirano*.

963 — ETERNO GAROTO *(Chamusca)*. — Estamos procurando compor o «Correio» em corpo 6. Dá tempo ao tempo. E como nada mais me dizes no teu postal sou forçosamente lacónico nesta resposta.

964 — AUSSURBANIBAL *(Lisboa)*. — Será assim que se escreve o teu pseudónimo? Se estiver errado, desculpa; mas a verdade é que ninguém te manda inventar um nome tão complicado, que deveria ser o diminuitivo familiar de qualquer faraó egípcio... — Podes adquirir na Redacção do *Animatógrafo* (Rua do Alecrim, 65) os números da nossa revista que te faltam.

965 — BOB TAYLOR *(Lisboa)*. — Escreve à Barbara Stanwyck e Bette Davis para Warner-First National Studios, Burbank, Califórnia. — Betty Grable: 20th Century Fox Studios, Box 900, Hollywood, Califórnia. — Estás então convencido de que sabes quem eu sou. Talvez... Mas pela minha parte, creio que não acertaste.

966 — CONDE MISTERIOSO *(Lamego)*. — Dos argumentos que citas, há alguns que têm interêsse. — Já publicámos a letra da canção que te interessa.

Bel-Tenebroso

POSTA RESTANTE

Estão em meu poder várias cartas de leitores desta secção, destinadas a outros leitores, e que não foram ainda transmitidas por não dispor do enderêço dos destinatários. Muitas delas não têm a franquia indispensável, ou seja um sêlo de $40. Dou a seguir a lista dos leitores para quem as cartas são dirigidas, fazendo seguir dum asterisco as que não têm franquia. Para as receber, os destinatários não têm mais do que enviar-me a nota do seu nome e morada, acompanhando-a dum sêlo de $40, no caso do seu pseudónimo ser seguido do sinal (*).

Fly e Mariquita: 10 cartas, das quais apenas uma está estampilhada. Como as 9 cartas pesam 50 gramas poderei enviá-las num só envelope que necessitará de um sêlo de 1$20. — *Kalikrates* (*) — *Armindo Blanco* (*) — *Swing Cinéfilo* — *Rapaz de Alpiarça* — *Levado da Breca* (3 cartas) — *Princesa do Patim* — *Bob Taylor* (*) — *Três Nortenhos* (*) — *Sid Percus* (*) — *Oublie* (*) — *Tony* (*) — *Melita Sarreia Cabral* (*) — *16 anos incompletos* (2 cartas, sendo uma sem franquia) — *Marilia* (*).

B. T.

AS ARTES PLÁSTICAS

E AS VEDETAS DE

Hollywood



Um ou outro dos nossos leitores ao dar com os olhos nas fotos que publicamos nesta página é capaz de ter um sorriso de incredulidade, atribuindo a simples «mise-en-scène» o que nelas se representa. No entanto nada menos justo nem menos verdadeiro. Jean Hersholt é um escultor de mérito reconhecido e Gary Cooper um desenhador de reais faculdades, pois era essa, até, a sua profissão antes de, vai para três lustros, ter feito a sua estreia no cinema. Freddie Bartholomew, por sua vez demonstra autêntica vocação, conhecendo-se dele algumas aguarelas com inegável interêsse.

Mas não se suponha que são êstes os únicos actores que têm nas artes plásticas o seu «Violino de Ingres». Uma exposição recente da galeria Gump, de Los Angeles, reüniu um numeroso e valioso conjunto de trabalhos de gente de cinema.

Montagu Lore era o autor duma obra magnífica, «Corneteiro do exército da Índia a cavalo», e Roland Jonny exibia um impressivo desenho à pena, «Skyline», um trecho de Nova Iorque. Reginald Gardiner pintou Hedy Lamarr com assombrosa semelhança e Ginger Rogers era a autora duma notável «Madame Ouspenskaya». «San Pedro», uma formosíssima aguarela de Lionel Barrymore, que estudou Belas Artes em Paris, e «Faymie», um espantoso quadro de Richard Cromwell, sem dúvida o melhor trabalho exposto, no estilo do grande Renoir.

A escultura estava representada por Vincent Price com um belo busto de Pan em terra cota, e uma linda cabeça de mulher, esculpida com talento por Anna Stenn.





Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



Às admiradoras de DICK POWELL satisfaz «ANIMATÓGRAFO» o desejo de verem publicada esta fotografia do seu favorito

ÉSTE NÚMERO CONTÉM UM RETRATO-BRINDE: GEORG MURPHY